

Eleições presidenciais e a inserção internacional do Brasil

Danilo Marcondes¹

Resumo

A política externa brasileira convive em mundo cada vez mais plural, com a presença e o envolvimento de um número crescente de atores, tanto privados quanto públicos. Esse quadro traz complexidade à condução e coordenação da política externa, inclusive no que diz respeito à coordenação de esforços e alocação de recursos e responsabilidades. Essa mesma complexidade também traz um desafio adicional aos governantes, devido à necessidade de posicionar o país internacionalmente. O artigo discute esses desafios considerando as eleições presidenciais, incluindo o posicionamento dos candidatos e a mobilização em defesa de suas propostas sobre o lugar do Brasil no mundo. A análise está dividida em 4 seções. A primeira discute a dimensão internacional das eleições presidenciais de 2022, em sequência são discutidas as repercussões internacionais das eleições e alguns dos principais desafios para a política externa brasileira a partir de 2023. O artigo termina com uma conclusão.

1 Todas as opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade deste autor, não coincidindo necessariamente com as posições do órgão público cujos quadros o autor integra.

Abstract

Brazilian foreign policy coexists in an increasingly pluralistic world, with the presence and involvement of a growing number of actors, both private and public. This situation brings complexity to the conduct and coordination of foreign policy, including with regard to the coordination of efforts and allocation of resources and responsibilities. This same complexity also brings an additional challenge to policy makers, due to the need to position the country internationally.

The article discusses these challenges considering the presidential elections, including the positioning of the candidates and the mobilization in defense of their proposals about Brazil's place in the world. The analysis is divided into four sections. The first discusses the international dimension of the 2022 presidential elections, then the international repercussions of the elections and some of the main challenges for Brazilian foreign policy after 2023. The article ends with a conclusion.

Introdução

O desenvolvimento atual da política externa brasileira ocorre em um mundo cada vez mais plural, com a presença e o envolvimento de um número crescente de atores, tanto privados quanto públicos. Mesmo entre os atores estatais, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) compartilha o espaço de atuação com atores governamentais vinculados a áreas diversas como agricultura, economia, defesa e meio ambiente. Esse quadro vem trazendo uma complexidade maior à condução da política externa brasileira, principalmente no que diz respeito à coordenação de esforços e alocação de recursos e responsabilidades. Essa mesma complexidade também traz um desafio adicional aos governantes, devido à necessidade de posicionar o país frente a desafios externos.

Em um cenário de eleições presidenciais, tais desafios são colocados para os candidatos a fim de que possam apresentar seus posicionamentos e mobilizar seus aliados em defesa de suas propostas referentes

ao papel que o Brasil pode desempenhar no mundo. De forma a tratar desse cenário e desses desafios, o artigo está dividido em 4 seções. Na primeira, será apresentada a dimensão internacional das eleições presidenciais de 2022, em sequência são discutidas as repercussões internacionais das eleições e alguns dos principais desafios que se colocam para a política externa brasileira a partir de 2023. O artigo termina com uma conclusão.

Eleições presidenciais e a sua dimensão internacional

Ainda que a realidade social, política e econômica brasileira apresente uma complexidade doméstica única, nota-se cada vez mais um interesse dos candidatos presidenciais brasileiros a buscarem uma inserção internacional, incluindo um posicionamento a respeito de algumas das principais questões de política internacional vigentes nos períodos eleitorais específicos. Por exemplo, quando iniciou o processo de lançamento da sua candidatura para as eleições de 2018, o atual presidente Jair Bolsonaro visitou os Estados Unidos, Coreia do Sul, Japão e Taiwan (Arashiro, 2018; Magalhães, 2018). Já no contexto da aproximação das eleições presidenciais de 2022, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva realizou uma viagem por diferentes países europeus em novembro de 2021. Na Alemanha, Lula manteve encontro com o então futuro chanceler Olof Scholz², na Espanha, esteve com o primeiro-ministro Pedro Sánchez e, na Bélgica, discursou em reunião organizada por partidos de esquerda no Parlamento Europeu. No mês seguinte (dezembro 2021), Lula visitou a Argentina para eventos relacionados à celebração do retorno à democracia e também em comemoração aos dois anos de governo do presidente Alberto Fernández (Molina e Benites, 2021).³ Em

2 O chanceler Scholz assumiu o cargo no dia 8 de dezembro de 2021.

3 Ainda como candidato à presidência, Alberto Fernández visitou Lula em 2019, quando o mesmo ainda estava preso na sede da Polícia Federal em Curitiba (Paraná).

agosto de 2022, o candidato Lula se reuniu em duas ocasiões em São Paulo com embaixadores que atuam no Brasil, a primeira com os embaixadores dos países BRICS e a segunda vez com os embaixadores da Alemanha, França, Suíça, Holanda e Polônia (Della Coletta, 2022).

Em período recente, a vinculação entre viagens internacionais e a campanha eleitoral também repercutiu em relação à candidatura à reeleição do presidente Bolsonaro. Em setembro de 2022, já na reta final da campanha, Bolsonaro realizou duas viagens internacionais. A primeira a Londres para acompanhar o velório da Rainha Elizabeth II e a segunda a Nova Iorque, para pronunciar o discurso do Brasil na abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Em relação à visita a Londres, as repercussões na imprensa brasileira e internacional criticaram o que foi identificado como uso de um evento em homenagem à monarca inglesa para fins da campanha eleitoral em curso no Brasil (Murakawa, 2022; UOL, 2022; Uchoa, Gonçalves, Camporez e Moura, 2022). Da mesma forma, o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU de 2022, a primeira totalmente presencial desde o início da pandemia de COVID-19, também gerou repercussões negativas na imprensa brasileira e internacional. As críticas foram concentradas principalmente no que foi visto como o uso de uma plataforma internacional de grande visibilidade⁴ para tratar de questões de conjuntura doméstica, incluindo a apresentação de informações contestadas (Péchy, 2022).

A crescente dimensão internacional das campanhas eleitorais brasileiras pode ser explicada também pelo aumento no número de brasileiros residentes no exterior, inclusive com filiação aos partidos políticos brasileiros. Por exemplo, entre 2018 e 2022, o número de brasileiros morando no exterior com filiação partidária passou de 1.300 para 12.216, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (Noia, 2022). No entanto, é

4 Cabe ao Brasil realizar o discurso da Assembleia Geral da ONU, antes mesmo do Estado anfitrião (EUA), o que garante grande visibilidade ao discurso do representante brasileiro.

importante notar o elevado grau de não comparecimento dos eleitores brasileiros no exterior, visto que mais da metade dos eleitores não compareceram às urnas no primeiro turno das eleições (Vazquez, 2022). Pode ser observado ainda que essa diáspora brasileira no exterior também apresenta algum grau de polarização. Por exemplo, a maioria dos eleitores brasileiros em Israel manifestaram preferência por Bolsonaro, enquanto a maioria dos eleitores brasileiros na Palestina indicou preferência por Lula (De Orte, 2022).

Repercussões internacionais das eleições presidenciais brasileiras de 2022

As eleições presidenciais de 2022 ocorrem em quadro doméstico interno de grande polarização (Agostine, 2022). Questionamentos em relação ao processo eleitoral, principalmente à segurança das urnas eletrônicas, aumentaram a repercussão internacional do pleito presidencial brasileiro, o que levou ao posicionamento por parte de alguns atores internacionais.

Os Estados Unidos da América (EUA) foram um dos primeiros atores internacionais a se posicionarem a favor do processo eleitoral brasileiro. Após visita ao Brasil em abril de 2022⁵, a Subsecretaria de Estado para Assuntos Políticos dos EUA, Victoria Nuland, reforçou a confiança no sistema eleitoral brasileiro (Mathias, 2022). A mesma confiança nas eleições foi apresentada por Elizabeth Bagley, indicada pelo presidente Joe Biden ao cargo de embaixadora dos EUA no Brasil.⁶ Durante a sabatina no Senado americano, Bagley criticou os ataques ao sistema eleitoral

5 A subsecretária Nuland visitou o Brasil em abril para participar do “Diálogo de Alto Nível Brasil-EUA”.

6 A indicação de Bagley foi feita pelo presidente Biden em janeiro de 2022: “U.S. announces nomination of Elizabeth Frawley Bagley as Ambassador to Brazil”. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/u-s-announces-nomination-of-elizabeth-frawley-bagley-as-ambassador-to-brazil/>

brasileiro feitos pelo presidente Bolsonaro⁷ (Marzullo & Oliveira, 2022). A confiança nas eleições brasileiras também foi reforçada pelo portavoz do Departamento de Estado dos EUA em julho de 2022:

our view is that elections have been conducted by Brazil's capable and time-tested electoral system and democratic institutions successfully over the course of many years. It serves as a model for nations not only in the hemisphere, but also beyond as well.⁸

Endossos semelhantes foram feitos pelos representantes dos EUA no Brasil. Por exemplo, em setembro de 2022, o encarregado de negócios da embaixada dos EUA em Brasília se reuniu em São Paulo com o candidato Lula da Silva e reforçou a posição do governo americano de “grande respeito pelas autoridades eleitorais do país e pela forma como o pleito é organizado” (Della Colletta, Chaib e Seabra, 2022).

Ainda no que diz respeito às repercussões internacionais das eleições brasileiras, a imprensa brasileira publicou sobre uma oferta do governo da Hungria em fornecer apoio ao governo Bolsonaro em relação à sua campanha pela reeleição. A oferta teria sido feita pelo chanceler húngaro, Péter Szijjártó, à Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil, Cristiane Britto, durante encontro em Londres em julho de 2022 (Marchesini, 2022).⁹ Devido a uma convergência político-ideológica, Brasil e a Hungria vivenciaram um grau de aproximação sem precedentes durante o governo Bolsonaro, inclusive com o comparecimento do

7 A indicação de Bagley sofreu um impasse na Comissão de Relações Exteriores do Senado Americano (Areas Munhoz, 2022).

8 Telegrama 1207 da embaixada do Brasil em Washington para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores, data: 21 de julho de 2022.

9 Apesar do apoio de Orbán a Bolsonaro, o candidato Lula recebeu a maior parte dos votos dos brasileiros residentes na Hungria no primeiro turno das eleições presidenciais, totalizando 80,89% dos votos, contra 11,86% para Bolsonaro (Vazquez, 2022).

primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán à posse de Bolsonaro em janeiro de 2019, a visita de Bolsonaro à Hungria em fevereiro de 2022 e da presidente húngara Katalin Novák ao Brasil em julho de 2022 (Felice e Portella, 2022; Marchesini, 2022; Souza 2022).

O peso político e econômico do Brasil na América do Sul também significa que as eleições brasileiras são acompanhadas com grande atenção pelos países sul-americanos. Esse acompanhamento se reveste de especial importância pois nota-se em período recente um retorno de governos de esquerda na região. Tal fenômeno político tem sido apelidado de segunda “onda rosa”¹⁰ e é ilustrado pela posse de Alberto Fernández na Argentina em dezembro de 2019 e, em período mais recente, a posse de Gabriel Boric no Chile em março de 2022 e de Gustavo Petro na Colômbia, em agosto de 2022. Boric afirmou que a América Latina deveria reagir caso haja uma tentativa de golpe no Brasil no contexto das eleições presidenciais (O Estado de São Paulo, 2022). No caso da Colômbia, a então vice-presidente eleita, Francia Márquez, visitou o Brasil em julho de 2022, um mês antes da sua posse, para encontros com lideranças do movimento negro e de movimentos de esquerda, incluindo o próprio candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Bergamo, 2022). De maneira geral, os países latino-americanos têm aguardado o resultado final das eleições para definir o seu padrão de relacionamento com o Brasil (Figueiredo, 2022).

A relação com vizinhos também tem sido foco de declarações de alguns dos candidatos brasileiros. Por exemplo, em setembro de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva se encontrou em São Paulo com o presidente da Bolívia, Luis Arce, e declarou que, caso seja eleito, apoiará a aceleração da entrada da Bolívia no Mercosul (Roxo, 2022). Desde 2015, os Estados-membros do Mercosul aprovaram a adesão da Bolívia no blo-

10 A primeira onda rosa faz referência à ascensão de lideranças de esquerda nos países sul-americanos no início da primeira década dos anos 2000, ilustrada, por exemplo, pela posse de Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil e de Néstor Kirchner na Argentina, ambos em 2003.

co, estando pendentes os processos de ratificação pelos congressos dos Estados-membros.

Após o anúncio do resultado da votação de primeiro turno (2 de outubro de 2022), o presidente Bolsonaro realizou entrevista à imprensa e fez referência às vitórias recentes de Boric no Chile e Pedro na Colômbia, assim como aos governos da Venezuela e Nicarágua, de forma a apresentar o que seria, na sua perspectiva, o risco de uma vitória do candidato Lula nas eleições presidenciais brasileiras (UOL, 2022). O comentário de Bolsonaro ecoou críticas anteriores feitas a governos de esquerda em países sul-americanos (Casemiro, 2022).

O cenário descrito anteriormente permite a identificação de alguns desafios a serem enfrentados pela política externa brasileira a partir de 2023, tanto do ponto de vista interno referente à organização e coordenação da atuação externa do país, quanto do ponto de vista do engajamento com atores e temas internacionais específicos.

Desafios para a Política Externa Brasileira a partir de 2023

Independente de qual será o candidato vitorioso nas eleições presidenciais de 2022, há um número de desafios com os quais o presidente eleito, e sua equipe de política externa terão que se defrontar após a cerimônia de posse em janeiro de 2023. Esses desafios podem ser divididos entre aqueles associados a um caráter mais administrativo da condução da política externa do Brasil e aqueles associados a um caráter mais substantivo, relacionado a aspectos bilaterais e multilaterais das relações exteriores do Brasil.

Os aspectos administrativos podem ser apresentados como relacionados aos seguintes componentes:

Promoção da participação feminina na diplomacia

O desafio está relacionado à necessidade de aumento da participação de mulheres em posições/cargos de destaque na diplomacia brasi-

leira, incluindo na chefia do próprio Ministério das Relações Exteriores, na posição tanto de Ministro(a) de Estado, quanto na de Secretário(a)-Geral (Couri, 2022). Até o momento, o Brasil e o Uruguai são os únicos países sul-americanos no qual a chefia da pasta de Relações Exteriores não foi ocupada por mulheres.¹¹ No caso brasileiro, mulheres nunca ocuparam de maneira permanente¹² a chefia das embaixadas brasileiras em Buenos Aires, Londres, Paris, Pequim, Roma e Washington.¹³ Enquanto avanços foram feitos em administrações anteriores, é fundamental aumentar a participação de mulheres diplomatas em cargos de chefia e em posições de destaque no ministério (Brizola, 2022). Da mesma forma, deve ser dada importância à continuidade dos compromissos do Brasil perante a agenda Mulheres, Paz e Segurança, lançada a partir da resolução 1325 (2000) do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU) (Balbino, 2022).

Coordenação entre atores vinculados às relações exteriores do Brasil

Um segundo desafio que será colocado para a condução da política externa brasileira a partir de 2023 diz respeito ao maior espaço conquistado por outros atores, além do próprio Ministério das Relações Exteriores, nos processos associados à atuação internacional do Brasil. Além da atuação dos funcionários do serviço exterior (entre eles diplomatas, oficiais de chancelaria e assistentes de chancelaria), nota-se a presença de adidos de defesa e das forças singulares (Marinha do Brasil,

11 Informação corroborada por fonte anonimizada vinculada ao Ministério das Relações Exteriores.

12 A informação sobre a ocupação da chefia em caráter permanente se refere ao fato de que diplomatas mulheres nunca foram indicadas pela Presidência da República para ocupar as chefias dos postos diplomáticos indicados. Em períodos anteriores, diplomatas mulheres ocuparam a chefia interina desses postos como encarregadas de negócios.

13 As informações sobre os ocupantes dos postos diplomáticos brasileiros podem ser obtidas em: FUNAG, 2021.

Exército Brasileiro e Força Aérea Brasileira), de adidos agrícolas, adidos de Polícia Federal, adidos de Inteligência (vinculados à Agência Brasileira de Inteligência-ABIN) e os próprios escritórios no exterior da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX). Temas como o relacionamento com a Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) também reforçam a importância do Ministério da Economia e do Banco Central. A crescente importância da agenda ambiental reforça a importância do Ministério do Meio Ambiente. O Congresso Nacional também possui atuação cada vez mais destacada no acompanhamento de temas internacionais e no papel e responsabilidade que lhe cabe em relação à atuação internacional do Brasil, como, por exemplo, aprovação da indicação de embaixadores, ratificação de tratados internacionais e autorização para envio de tropas ao exterior.

Essa ecologia de atores não inclui apenas atores estatais, mas também atores da sociedade civil, tais como organizações não-governamentais, think tanks e atores religiosos, com presença e inserção internacional. A participação cada vez maior desses atores destaca a importância da elaboração de um Livro Branco da Política Externa Brasileira, iniciativa que foi timidamente iniciada em gestões anteriores do MRE, mas que não obteve continuidade (Câmara dos Deputados, 2014). A coordenação entre esses diversos atores será fundamental para a consolidação da política externa brasileira enquanto política pública, parte de debate amplo e democrático entre diferentes setores da sociedade brasileira.

Entre os aspectos substantivos, destacam-se os seguintes:

Relacionamento com a República Popular da China (RPC)

A RPC se coloca como um parceiro comercial cada vez mais importante para o Brasil, o que ressalta a importância de um desenvolvimento de conhecimento brasileiro a respeito das diferentes dimensões desse relacionamento. No contexto atual, o presidente Bolsonaro tem feito uso sistemático de uma retórica anti-China, sendo criticado por setores do

empresariado brasileiro vinculado ao comércio com a China. Membros do próprio governo Bolsonaro (como a então Ministra da Agricultura, Tereza Cristina), foram mobilizados em diferentes ocasiões para amenizar a retórica do presidente, reforçando a importância da relação bilateral (Irajá e Purchio, 2021). No que diz respeito às eleições de 2022, os candidatos a presidente foram criticados por não terem conferido a devida importância à China na apresentação de suas propostas de campanha (Balbi, 2022). Ao final de outubro de 2022, foi anunciada a autorização brasileira à designação de um novo embaixador chinês em Brasília. A RPC escolheu um diplomata experiente, que já serviu em Brasília, sinalizando a valorização chinesa do relacionamento bilateral com o Brasil (Oliveira, 2022).

A relação com a China é importante não apenas do ponto de vista comercial, mas também envolve a interação político-diplomática no âmbito da iniciativa BRICS. O status da China como membro permanente do CSNU também faz do país um parceiro crucial para diferentes temas de interesse do Brasil, como a reforma e ampliação do órgão.

Relacionamento com os Estados Unidos da América

Ainda que a relação com a RPC venha adquirindo importância crescente, a relação com os EUA é um elemento incontornável para o Brasil, devido ao histórico de engajamento e a proximidade hemisférica. No seu nível atual, a relação bilateral inclui uma pauta econômica, comercial, política, científica e tecnológica, de defesa e, cada vez mais social, vinculada ao tema da migração e também da diáspora brasileira residente nos EUA.¹⁴ Ao final de setembro de 2022, o Senado dos EUA condicionou a continuidade das relações com o Brasil ao respeito ao resultado das eleições presidenciais e à democracia (Freitas, 2022).

14 A maior comunidade de brasileiros residentes no exterior está localizada nos EUA.

No plano multilateral, o papel desempenhado pelos EUA como membro permanente do CSNU e sua atuação em outras organizações internacionais como na Organização dos Estados Americanos (OEA) e na OCDE coloca o país como um interlocutor crucial para o Brasil.

Relacionamento com os países e processos de integração regional na América Latina e América do Sul

O processo de integração regional na América do Sul evoluiu consideravelmente nas últimas sete décadas. No entanto, no momento, iniciativas como a União Sul-Americana de Nações (UNASUL) estão em caráter de dormência. As negociações do Mercosul com a União Europeia se colocam como tema crucial que deve ser discutido entre os parceiros sul-americanos. A possibilidade de retorno à Comunidade dos Países Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), organização do qual o Brasil se retirou em 2020 (Oliveira, 2020), também deve ser considerada.

A relação com os países vizinhos e do entorno estratégico sul-americano é importante também do ponto de vista da defesa e segurança e, no contexto amazônico, está vinculada também à pauta ambiental e às responsabilidades compartilhadas. O Brasil, como país anfitrião da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA)¹⁵, possui um papel importante a desempenhar nessa coordenação.

Atuação do Brasil em questões de manutenção da paz e de segurança internacional

Historicamente, o Brasil desempenha papel importante como um país do Sul Global envolvido em iniciativas associadas à manutenção da paz e da segurança internacional. No contexto da ONU, o Brasil tem sido

15 A Secretaria Permanente da OTCA foi estabelecida em Brasília em dezembro de 2002 e instalada de maneira permanente em março de 2003. Fonte: <http://otca.org/pt/quem-somos/>

um contribuinte consistente para as operações de paz, desde a primeira missão em Suez ao final da década de 50 (Uziel, 2015). No entanto, após a retirada das tropas do Brasil da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH) em 2017 e da Força Tarefa Marítima da Missão Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) em 2020, o Brasil não possui nenhuma contribuição com tropas para as missões da ONU. A possibilidade de desdobramento de contingentes de tropas para as missões de paz poderá ser uma questão a ser colocada para o governo que assumir a partir de janeiro de 2023. Para tanto, será importante também a escolha do ocupante da chefia do Ministério da Defesa e dos comandantes das forças singulares, como também a relação com o Congresso Nacional, responsável, como já mencionado, pela autorização de envio de tropas ao exterior.

As dificuldades logísticas, os custos financeiros e os riscos associados aos cenários atuais de possíveis desdobramentos no âmbito da ONU (como Mali, República Democrática do Congo e República Centro-Africana), assim como possíveis cenários futuros de longo prazo, também requerem que a questão inclua um debate doméstico amplo dentro da sociedade brasileira (Uziel e Marcondes, 2021).

Questões de segurança próximas ao território brasileiro também demandam atenção especial, como, por exemplo, os casos de pirataria na região do Golfo da Guiné e a ocorrência da pesca ilegal, não reportada e não regulamentada no Atlântico Sul. Para tanto, será importante mobilizar iniciativas como a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), assim como a cooperação com países da região e atores extra-regionais. Tais iniciativas também demandam uma atuação cada vez mais coordenada entre o MRE e o Ministério da Defesa.

Atuação do Brasil em diferentes temas da agenda multilateral

A atuação internacional brasileira é de fundamental importância não apenas do ponto de vista da segurança internacional, mas também devido a uma pauta internacional diversificada, composta, por exem-

plo, de questões comerciais, ambientais e de saúde global. Uma eficaz coordenação com parceiros tanto do Norte quanto do Sul Global é crucial para o avanço de discussões e negociações que reflitam os posicionamentos brasileiros sobre esses diversos temas. A atuação nas organizações internacionais sediadas em Genebra (principalmente na Organização Mundial da Saúde e Organização Mundial do Comércio) e junto às organizações de Bretton Woods (Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional) se somará à atuação relacionada ao processo de acesso à OCDE, previsto para transcorrer ao longo do próximo mandato presidencial. Uma atuação multilateral ativa é elemento fundamental para o alcance de objetivos de interesse histórico do Brasil, como, por exemplo, a obtenção de um assento permanente no CSNU e um aumento na participação de nacionais brasileiros em posições/cargos em organizações internacionais.

Entre as temáticas multilaterais, especial atenção deve ser considerada também em relação às questões referentes às regiões polares. Pela proximidade geográfica, o Brasil deve manter posição ativa em relação a temas ambientais e científicos vinculados ao Sistema do Tratado da Antártica. Apesar da distância em relação ao Ártico, o mesmo também deve ser alvo de acompanhamento por parte dos atores brasileiros, prova disso é a importância da atuação do Grupo Técnico sobre Atividades no Ártico (GT Ártico), criado no âmbito da Comissão Interministerial de Recursos do Mar (CIRM).

Conclusão

As eleições presidenciais de 2022 ocorrem em um contexto de preocupante polarização doméstica e internacional. Além dos inúmeros desafios políticos, econômicos e sociais que se colocam para o candidato que ocupará o posto de presidente da República a partir de janeiro de 2023, uma série de desafios externos também se apresentam. A continuidade do conflito entre Rússia e Ucrânia, e a crescente competição entre EUA e China destacam a importância da valorização do direito interna-

cional e da solução pacífica de controvérsias, princípios constitucionais que regem as relações exteriores do Brasil. Da mesma forma, as relações com os vizinhos sul-americanos e latino-americanos de maneira geral também serão elementos incontornáveis para a atuação internacional do Brasil a partir de 2023, sinalizando, como está na Constituição de 1988, que o país deverá buscar “a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.”¹⁶

O cenário internacional que está colocado para o Brasil a partir de 2023 é muito diferente daquele encontrado em 2003 e em 2019, quando os atuais candidatos que disputam o segundo turno das eleições assumiram seus mandatos como presidentes da república. A condução das relações exteriores do Brasil pós-2023 exigirá equilíbrio de forma a otimizar a busca por soluções para os problemas brasileiros e, ao mesmo tempo, fornecer contribuições brasileiras para os principais desafios globais existentes.

Referências

ARASHIRO, Osny “Para surpresa de japoneses, Bolsonaro é recebido aos gritos no país”

FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/para-surpresa-de-japoneses-bolsonaro-e-recebido-aos-gritos-no-pais.shtml>

AREAS MUNHOZ, Diego “EUA não devem ter embaixador no Brasil antes das eleições de outubro” **O Globo**, 17 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/08/eua-nao-devem-ter-embaixador-no-brasil-antes-das-eleicoes.ghtml>

BALBI, Clara “Principais candidatos ao Planalto ignoram China em plano de governo”. **Folha de São Paulo**, 21 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/08/candidatos-a-presidencia-ignoram-china-em-planos-para-diplomacia-do-brasil.shtml>

16 Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BALBINO, Viviane Rios **Terá a paz rosto de mulher? Uma perspectiva brasileira para os 20 anos da agenda de mulheres paz e segurança do Conselho de Segurança das Nações Unidas**, FUNAG, Brasília, 2022.

BERGAMO, Monica “Francia Márquez. Se houver golpe no Brasil levantaremos nossa voz a favor da democracia”. **Folha de São Paulo**, 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/07/levantaremos-a-voz-a-favor-da-democracia-diz-vice-da-colombia-sobre-golpe-no-brasil.shtml>

BRIZOLA, Juliana (2022) “Artigo: Desigualdade de gênero deixa o Itamaraty de saia justa”. **Correio Braziliense**, 30 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/opiniao/2022/05/5011485-artigo-desigualdade-de-genero-deixa-o-itamaraty-de-saia-justa.html>

CÂMARA DOS DEPUTADOS “Livro Branco da Política Externa será apresentado na CREDN”, **Câmara dos Deputados**, 2 de abril de 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/livro-branco-da-politica-externa-sera-apresentado-na-credn>

CASEMIRO, Poliana “Bolsonaro critica governos de esquerda na América do Sul: ‘Vocês querem isso para o Brasil?’” **G1**, 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/eleicoes/2022/noticia/2022/08/18/bolsonaro-critica-governos-de-esquerda-na-america-do-sul-voces-querem-isso-para-o-brasil.ghtml>

COURI, Norma “Ausência de mulheres no Itamaraty é política estrutural, diz diplomata”. **Valor Econômico**, 1 de abril de 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2022/04/01/ausencia-de-mulheres-no-itamaraty-e-politica-estrutural-diz-diplomata.ghtml>

DE ORTE, Paola “Palestinos e israelenses abrem nova frente de batalha: Lula X Bolsonaro”. **O Globo**, 28 de setembro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/palestinos-e-israelenses-abrem-nova-frente-de-batalha-lula-x-bolsonaro.ghtml>

DELLA COLETTA, Ricardo “Lula diz a embaixadores que BRICS devem atuar em solução para guerra e que Bolsonaro isola o Brasil”. **Folha de São Paulo**, 14 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/08/lula-diz-a-embaxadores-que-brics-deve-atuar-em-solucao-para-guerra-e-que-bolsonaro-isola-brasil.shtml>

DELLA COLETTA, Ricardo; CHAIB, Julia e SEABRA, Catia “Chefe da embaixada dos EUA defende urnas e cooperação sobre ambiente em reunião com Lula”. **Folha de São Paulo**, 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/chefe-de-embaxada-dos-eua-defende-urnas-e-cooperacao-sobre-ambiente-em-reuniao-com-lula.shtml>

FELICE, Raphael e CORREIA, Victor “67,5% dos brasileiros temem violência política, diz Datafolha”. **Valor Econômico**, 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5037178-675-dos-brasileiros-temem-violencia-politica-diz-datafolha.html>

FELICE, Raphael e PORTELLA, Michelle “Especialistas sobre ida de Bolsonaro à Hungria: ‘Orbán é o que Bolsonaro queria ser’”, *Correio Braziliense*, 17 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/02/4986119-especialistas-sobre-ida-de-bolsonaro-a-hungria-orban-e-o-que-bolsonaro-queria-ser.html>

FIGUEIREDO, Janaína “Países vizinhos esperam eleição para definir laços com Brasil”. **O Globo**, 26 de setembro de 2022. Disponível: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/governos-vizinhos-esperam-eleicao-para-definir-lacos-com-brasil.ghtml>

FREITAS, Carolina “Resolução do Senado dos EUA condiciona relações com o Brasil a respeito ao resultado das urnas”. **Valor Econômico**, 28 de setembro de 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/28/resoluo-do-senado-dos-eua-condiciona-relaes-com-o-brasil-a-respeito-ao-resultado-das-urnas.ghtml>

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. **Legações e embaixadas do Brasil**. Brasília, FUNAG, 2021.

IRAJÁ, Victor e PURCHIO, Luisa “Sem reunião com Bolsonaro, Tereza trata à distância o veto chinês à carne”. **Veja**, 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/o-desconforto-de-tereza-cristina-para-resolver-o-embargo-chines-a-carne/>

MAGALHÃES, Guilherme “Aceno de Bolsonaro a Taiwan desanima Pequim, diz alto funcionário do regime chinês”. **Folha de São Paulo**, 5 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/aceno-de-bolsonaro-a-taiwan-desanima-pequim-diz-alto-funcionario-do-regime-chines.shtml>

MARCHESINI, Lucas “Hungria ofereceu ajuda para reeleição de Bolsonaro, mostra relatório interno”. **Folha de São Paulo**, 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/hungria-ofereceu-ajuda-para-reeleicao-de-bolsonaro-mostra-relatorio-interno.shtml>

MARZULLO, Luísa e OLIVEIRA, Eliane “‘Eleições serão livres e justas’, diz indicada à embaixada dos EUA”. **O Globo**, 19 de maio de 2022.

MATHIAS, Lucas “EUA confiam no sistema eleitoral, diz subsecretaria de Estado”. **O Globo**, 11 de maio de 2022.

MOLINA, Federico Rivas e BENITES, Afonso “Presença de Lula na Argentina tensiona as relações bilaterais com o Brasil”. **El País**, 10 de dezembro de 2021. Disponível

em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-12-10/presenca-de-lula-na-argentina-tensiona-as-relacoes-bilaterais-com-o-brasil.html>

MURAKAWA, Fabio “Atos eleitorais em funeral da rainha geram exposição negativa a Bolsonaro, avaliam aliados”. **Valor**, 19 de setembro de 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/19/atos-eleitorais-em-funeral-da-rainha-geram-exposio-negativa-a-bolsonaro-avaliam-aliados.ghtml>

NOIA, Julia “Número de filiados no exterior dispara 839% em quatro anos”. **O Globo** 14 de agosto de 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/numero-de-filiados-partidos-que-vivem-no-exterior-dispara-839-em-quatro-anos-25556044.html>

O ESTADO DE SÃO PAULO “Boric defende reação conjunta da América Latina em caso de tentativa de golpe no Brasil”. **O Estado de São Paulo**, 1 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/boric-defende-reacao-conjunta-da-america-latina-para-evitar-tentativa-de-golpe-no-brasil/>

OLIVEIRA, Eliane “Brasil concede autorização a novo embaixador da China no Brasil”. **O Globo**, 18 de outubro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/10/brasil-autoriza-vinda-de-novo-embaixador-da-china-no-brasil.ghtml>

PÉCHY, Amanda “Como o discurso de Bolsonaro na ONU repercutiu na imprensa internacional”. **Veja**, 20 de setembro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/como-discurso-de-bolsonaro-na-onu-repercutiu-na-imprensa-internacional/>

ROXO, Sérgio “Em encontro com presidente da Bolívia, Lula se compromete a apoiar a entrada do país no Mercosul”. **O Globo**, 05 de setembro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/lula-se-compromete-a-apoiar-a-entrada-da-bolivia-no-mercosul.ghtml>

SOUZA, André de. “Na Hungria, Bolsonaro nega destruição da Amazônia”. **O Globo**, 18 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/na-hungria-bolsonaro-nega-destruicao-da-amazonia-chama-pais-de-orban-de-pequeno-grande-irmao-1-25398430>

UCHOA, Pablo; GONÇALVES, Eduardo; Camporez, Patrik e Moura, Rafael Moraes “No funeral da rainha, mas em clima de campanha”. **O Globo**, 19 de setembro de 2022.

UOL, 2022a “Bolsonaro faz ato de campanha em funeral de Elizabeth 2ª e é crítico...”. **UOL**, 18 de setembro de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/18/apos-passar-por-caixao-da-rainha-bolsonaro-assina-livro-de-condolencias.htm>

UOL, 2022b “Leia a íntegra da entrevista de Bolsonaro após o resultado do 1º turno...”. UOL, 3 de outubro de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/leia-a-integra-da-entrevista-de-bolsonaro-apos-o-resultado-do-1-turno.htm>

UZIEL, Eduardo **O Conselho de Segurança, as missões de paz e o Brasil no mecanismo de segurança coletiva das Nações Unidas**, Brasília, FUNAG, 2015.

UZIEL, Eduardo & Marcondes, Danilo “The Peacekeeping Deployment that Never was: Domestic Considerations Behind Brazil’s Decision not to Send Troops to MINUSCA”, **International Peacekeeping**, 28:5, 2021, 757-782 DOI: 10.1080/13533312.2021.1975537

VAZQUEZ, Rafael “Mais da metade dos eleitores no exterior deixam de votar”. **Valor Econômico**, 3 de outubro de 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/03/mais-da-metade-dos-eleitores-no-externo-deixam-de-votar.ghtml>

Danilo Marcondes é Professor do Magistério Superior da Escola Superior de Guerra (ESG), onde coordena o Núcleo de Estudos de Diplomacia de Defesa (NEDD). Danilo é PhD em Politics and International Studies pela Universidade de Cambridge e Mestre e Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Danilo é bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) pela FAPERJ e bolsista de produtividade do CNPq. Possui publicações e pesquisas nas seguintes áreas temáticas: Política Externa e de Defesa do Brasil, Questões de Segurança no Espaço do Atlântico Sul, Relações Internacionais da América Latina e Operações de Paz.